



A Rede Globo e seu Quadrante¹

Clarissa Mesquita Cabral de AZEVEDO²

Norma MEIRELES³

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

RESUMO

Estudar televisão brasileira é importante para entender o povo brasileiro. Este artigo analisa através da Rede Globo e um dos seus produtos, o Projeto Quadrante de Fernando de Carvalho, as características e presenças televisivas, procurando esclarecer brevemente concepções básicas da televisão apontando explicações sobre qualidade, história, conceitos, gêneros e formatos a partir de estudos bibliográficos e de breves análises a partir dos episódios das minisséries que compõe o Projeto Quadrante..

PALAVRAS-CHAVE: televisão; ficção; minisséries; Projeto Quadrante; Rede Globo.

Introdução

Existem estudos que apontam o surgimento da televisão em meados do século XIX diante da necessidade de uma rápida transmissão de informações à longa distância, essa necessidade, por sua vez, teria surgido diante das necessidades do novo sistema socioeconômico, o capitalismo. Entretanto, essa forma de televisão era bastante rudimentar, ainda mecânica; o modelo que conhecemos hoje foi elaborado aproximadamente em 1923 por Wladimir Zworykin e Philo Farnsworth (que trabalharam separadamente) como resultado de um forte investimento na indústria cultural de entretenimento de massa (MACHADO, 2005).

Machado (2005) nos explica que desde o seu surgimento até os dias hoje, a TV presenciou três grandes fases de transformação, por assim dizer, primeiramente servia como veículo de transmissão de imagens sonoras, tendo a transmissão ao vivo como diferencial; num segundo momento, com a inserção do videoteipe e da edição eletrônica rudimentar, a TV teve que se dedicar a alcançar um público maior com uma agilidade

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

² Graduado do Curso de Comunicação Social – Radialismo do CCTA-UFPB, email: clarissamesquita3@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Radialismo do CCTA-UFPB, email: norma.meireles@gmail.com



incomum; a última fase está trazendo gradativamente o meio digital e a grande manipulação da imagem, caracterizando produtos de maior impacto tecnológico.

Eco (2011) defendeu a importância da Televisão para criação de gostos e tendências, estes indispensáveis no processo de evolução cultural. Porém, as análises da época não apontavam a grande importância da TV no terreno estético, como criadora de produtos próprios definidores na história desse meio.

Quando se fala em Televisão, é comum que várias concepções do que ela realmente é sejam consideradas: podemos pensar na programação, no aparelho ou na estrutura de uma emissora. Para esse trabalho vamos pensar na Televisão como

um instrumento técnico - de que se ocupam os manuais de eletrônica - baseada na qual uma certa organização faz chegar a um público, em determinadas condições de audiência, uma série de serviços, que variam do comunicado comercial à representação do Hamlet (ECO, 2011, p.331).

Ou seja, é um meio através do qual os programas e as ideias são veiculados de acordo com uma linha pré-estabelecida ou não. O discurso televisivo é adaptável ao programa a ser criado, não é possível falar, por exemplo, que a televisão é um meio pobre baseado somente nas comuns acusações contra os telejornais sensacionalísticos, pois este mesmo veículo é capaz de desenvolver ficções de qualidade premiadas em todo o mundo. A TV é antes de tudo um sistema e um serviço que reúne diversos gêneros e se adapta a cada um deles e também abarca um público expressivo que consome o produto de acordo com certas condições psicológicas que são diferentes, por exemplo, do cinema.

Ao escolhermos o quadrante nos referimos ao Projeto Quadrante idealizado por Fernando Carvalho e que se preocupa em desenvolver uma identidade brasileira através de minisséries com altos custos, dedicação aos detalhes e estética e preocupação a aspectos morais e sociais presentes na atual sociedade brasileira (CARVALHO, 2008).

A serialização na Televisão

A recepção televisiva normalmente é dispersa, já que o telefone pode tocar – e não é comum desligarmos os telefones antes de assistir a um programa, ao contrário do cinema, por exemplo–, uma visita pode aparecer, o cachorro pode latir, entre várias outras possibilidades. Aceitar que a televisão possui certas especificidades é imprescindível para um entendimento mais profundo sobre esse meio ao mesmo tempo que compará-la com outros tipos de mídia também torna-se interessante para análises.



Uma dessas especificidades é a *serialização*. Um programa televisivo é fragmentado e descontínuo, devido ao modelo de recepção já mencionado, e foi adotado principalmente pela necessidade que esse meio precisa.

A tradição parece demonstrar que um acerto “fatiamento” da programação permite agilizar a produção (o programa pode já estar sendo transmitido enquanto ainda está sendo produzido) e também responder às diferentes demandas por parte dos distintos segmentos da comunidade de telespectadores (MACHADO, 2005, p.86).

De acordo com Machado (2005) a serialização é fruto de uma “estética da repetição”, termo desenvolvido pelo estudioso Omar Cabrese, e para um estudo mais aprofundado e três formas que raramente aparecem isoladas: na primeira delas o produto audiovisual repete a estrutura e por vezes os personagens, a história segue o mesmo eixo temático e a variação ocorre na forma como a história é contada. O seriado “As Cariocas” exibido pela Rede Globo em 2010 e depois continuado por “As Brasileiras”, no ano de 2012, traduz bem essa primeira forma de serialização, pois o eixo central era o mesmo em todos os episódios, unificados através do narrador observador, mas os personagens mudavam a cada novo episódio.

Na segunda forma existem elementos fixos, como cenários, temas ou personagens, mas a narrativa não é linear com a necessidade de um início, meio e fim, e a cada capítulo situações novas acontecem ou antigas se desenformam. Como exemplo, podemos citar o icônico programa *Armação Ilimitada*, de direção de Guell Arraes exibido em 1985.

O último formato da estética da repetição pode ser exemplificado através das novelas, pois esse terceiro formato necessita de vários núcleos agindo paralelamente ou interligados; assim, as demandas da audiência podem ser atendidas e situações atuais podem ser incorporadas à estrutura do programa.

Resgatando as formulações teóricas de Machado, assimilamos o que o autor refere como os “três cortes da televisão” (MACHADO, p. 108, 1990). Machado aponta a existência de três tipos de montagens em um programa televisivo: interno, externo e da recepção. O primeiro existe na própria estrutura do programa, o segundo em relação do programa com a programação televisiva e com a continuidade dos capítulos e o último diz respeito ao próprio telespectador que *monta* seu próprio programa a partir do efeito *zapping*.⁴ A principal função desse conjunto de cortes é prender o telespectador

⁴*Zapping* é a mudança de canal feita pelo telespectador, motivada por diversos fatores, como falta de interesse repentina no programa assistido ou necessidade de buscar informações simultâneas em outros canais.



ao canal, tendo consciência de que a TV sobrevive da sua programação fragmentada com interrupções e nós de tensão.

A Ficção Televisiva

A televisão brasileira hoje é reconhecida internacionalmente pela alta qualidade dos seus produtos. Um dos motivos que poderiam explicar tal fenômeno é a forma como a nossa televisão classifica seus produtos de acordo com gêneros e formatos específicos.

De acordo com Jost (2004) existem três tipos básicos de realidade que regem a televisão: *meta-realidade* que detém a explicar fenômenos exteriores à televisão, buscando sempre a veracidade dos fatos e usando a gravação ao vivo como principal ferramenta; *supra-realidade* que se preocupa em criar um mundo coerente, mas nem sempre diretamente relacionado ao mundo externo utilizando a verossimilhança como principal aliado; e a *para-realidade* que desenvolve um mundo interno sem qualquer referência ao mundo externo, os acontecimentos são provocados e controlados pela própria televisão. Tais tipologias imanentes ao discurso televisivo são relacionadas à aplicabilidade dos gêneros.

Gêneros, por sua vez, são “categorias fundamentalmente mutáveis e heterogêneas não apenas no sentido de que são diferentes entre si, mas também no sentido de que cada enunciado pode estar ‘replicando’ muitos gêneros ao mesmo tempo” (MACHADO, 2005, p.71). Em síntese: são estratégias de comunicabilidade que representam a primeira mediação entre o que foi produzido e a forma de consumo do mesmo. Estudar todos os gêneros televisivos de uma só vez seria inviável nesse momento, assim, para um melhor entendimento nos deteremos em explicar os gêneros que condizem com o objeto de estudo em questão.

Existem quatro grandes categorias na televisão brasileira e, portanto, presentes na Rede Globo: entretenimento, informativo, educativo e especiais, tais categorias não existem isoladamente. Souza (2004) ainda destaca que as emissoras classificam seus produtos de acordo com seu próprio entendimento do assunto, das estratégias comerciais, perfil da emissora e o horário de exibição. Tal classificação não é uniforme, por isso a forma como a Rede Globo “vende” seus produtos pode não coincidir com a da Rede Record, por exemplo. Jost (2004) completa essa ideia mostrando que os gêneros podem se referir a três “mundos” distintos: o mundo real, o mundo ficcional e o



mundo lúdico; para essa pesquisa vamos nos deter brevemente ao mundo ficcional, visto que o Projeto Quadrante se encontra nesta classificação.

Estudar gênero televisivo e sua localização nos “mundos” televisivos é importante por três razões fundamentais: o tom interpretativo desenvolvido pelo próprio telespectador ao concluir que assiste uma novela e não telejornal, por exemplo; a facilitação no processo de arquivamento e organização dos programas, já que ao arquivar estamos dando uma ideia do modo como os programas eram/são entendidos; a última razão se refere à economia da emissora, pois é comum que um canal invista em gêneros com alto retorno financeiro medido em níveis de audiência, atraindo e mantendo patrocinadores principalmente através da serialização comerciais.

O mundo ficcional é desenvolvido na nossa imaginação, porém tudo que aparece nele deve ter coerência com o mundo que acabou de ser criado, por exemplo, são várias as séries que retratam mundos paralelos ao nosso, sejam por magia ou experimentos científicos, e por mais que elas sejam além da nossa realidade atual, o telespectador acredita mediante a consistência e coerência do tema.

Ao analisar o enunciado de ficção, Jost (2004) explica que esse tipo de enunciado não é sério, no sentido que não precisa de confirmação do mundo real e externo à frase para ser dito, pois o próprio receptor não pede provas da real existência daquela afirmação. Concordamos com a ideia que Jost desenvolve: para um autor que vá produzir ficção é necessário que ele explicita a opção por este gênero em sua obra a fim de evitar interpretações errôneas: “Em suma, a ficção articula dois mundos: um inventado, e outro, o nosso, que seguidamente chamamos, por comodidade, a realidade. Estes dois universos são interligados por uma relação de correspondência do tipo será tomado por” (JOST, 2004, p.101).

Jost (2004) ainda destaca que uma ficção bem feita tem o poder de levar o espectador a um mundo de certa forma fantástico, no qual ele tenta assimilar valores fictícios à sua própria vida, reduzindo as diferenças e aprendendo a partir de situações que nunca foram vividas efetivamente. Essa “ilusão” do aprendizado é comum a toda forma de arte, porém é na televisão que ela se encontra mais forte atualmente, tanto por causa da influência que esse meio tem na sociedade atual, como pelos seus produtos que se preocupam em cativar o telespectador cada vez mais (seja pela linguagem, pela estética, pela técnica ou pela atualidade de seus conteúdos, por exemplo).

A ficção possui alguns elementos típicos desse gênero, isso não quer dizer que tais elementos apenas se manifestam nesse gênero, mas sim que na ficção que



encontram maior espaço, são eles: tipos de narração e de testemunhas, ponto de vista e conceitos de tempo.⁵ Outros recursos como *flashback* e *flashforward*, estudo de trilha sonora, planos de filmagem, movimentação de câmera também são interessantes.⁶ E ainda aqueles que referem aos tipos de personagens e de narração com o uso da câmera também são pertinentes.

São vários os formatos⁷ que compõem o gênero ficcional, como novelas, filmes, seriados e minisséries. A razão que determina essa diferenciação é a forma de contar uma história.

Em verdade, o formato é o processo pelo qual passa um produto televisual, desde sua concepção até sua realização. Trata-se do esquema que dá conta da estruturação de um programa, constituído pela indicação de uma sequência de atos que se organizam a partir de determinados conteúdos, com vistas a obter a representação de caráter unitário que caracteriza o programa televisual: cenários, lugares, linha temática, regras, protagonistas, modalidades de transmissão, finalidades e tom (DUARTE, 2007, p.6).

Os canais brasileiros de televisão que compram ou realizam um seriado, por exemplo, se baseiam principalmente na história, tipo ou repercussão. Conforme explica Souza (2004), um seriado não necessita de acompanhamento constante por parte do telespectador, mas sim de acompanhamento do último capítulo e isso funciona como um grande trunfo para a televisão buscar patrocinadores, uma vez que os comerciais veiculados entre os capítulos de um episódio seriado “seguram” mais o telespectador.

Os seriados têm início-meio-fim em um mesmo episódio, podem ter uma duração maior e uma periodicidade de exibição menor, há também a possibilidade de rotatividade de atores, equipe técnica e história e podem ser assistidos sem uma ordem fixa de episódios. As minisséries têm continuidade episódio após episódio, assim como as novelas, porém a duração em tempo de exibição e de permanência é menor. Como ilustração, podemos citar respectivamente: “As Cariocas”, de Daniel Filho exibida em 2010 e O Projeto Quadrante, dirigido por Fernando Carvalho, exibida a partir de 2007.

Entende-se hoje que a televisão brasileira, ao desenvolver o formato minissérie, foi motivada inicialmente por questões comerciais: Machado (2005) explica que a Globo entendeu que não é preciso importar, pois existe a possibilidade de elaborar

⁵ Apontados por Jost (2004), em que o autor faz um resumo dos principais estudiosos área.

⁶ Apontados por Britto (1995), em que o autor faz um resumo das características apontando-as em filmes.

⁷ Souza (2004) explica que os formatos identificam a forma e o tipo de um gênero: “O formato está sempre associado a um gênero, assim como gênero está diretamente ligado a uma categoria” (SOUZA, 2004, p. 46).



produtos nacionais com qualidade. Após a aceitação do público para os seriados, a elaboração de minisséries foi só uma questão de tempo:

A tradição parece demonstrar que um certo ‘fatiamento’ da programação permite agilizar a produção (o programa pode já estar sendo transmitido enquanto ainda está sendo produzido) e também responder às diferentes demandas por parte dos distintos segmentos da comunidade de telespectadores (MACHADO, 2005, p. 86).

Atualmente tem-se conhecimento que as minisséries variam de cinco a vinte episódios, são gravadas e finalizadas antes de ir ao ar e não tem tanta necessidade de repetição, além de seus personagens representarem valores ou costumes e serem bastante coerentes. Outra característica interessante, presente em ambos formatos, é a presença dos ganchos de tensão, cuja finalidade principal é fazer com que o telespectador continue assistindo após a promessa da revelação a seguir de uma novidade, sendo essa novidade referente normalmente aos protagonistas.

A Rede Globo de Televisão

Sobre o desenvolvimento da televisão brasileira atualmente partimos das considerações de Hamburguer (2004). A televisão privada brasileira chegou no início da década de 1950 com intuito comercial e ao longo dos seus mais de sessenta anos de história representa hoje o principal meio de diversão e informação da nossa população. O modelo brasileiro de televisão se baseia em concessões públicas e segue uma legislação específica, com o suposto objetivo de ser útil à população, em termos de informação, educação e divertimento.

A televisão brasileira teve grande impulso durante o governo militar, que a usou como ferramenta principal na divulgação da ditadura. Além da censura prévia, esse período foi marcado pelo investimento tecnológico que acabou desenvolvendo canais de alcance nacional e também pela diminuição dos preços dos aparelhos, aumentando a aquisição por parte da grande massa populacional.

Como se sabe, desde o início dos anos 70, espectadores brasileiros sustentam longas horas de produção nacional. Novelas e minisséries nos últimos trinta e quatro anos foram o carro-chefe de uma indústria de televisão que está entre as 10 maiores do mundo, principalmente com a produção da Rede Globo, hoje a quarta emissora no panorama internacional (HAMBURGUER, 2004, p.112).

A consolidação da TV como uma indústria efetivamente no nosso país aconteceu entre as décadas de 1970 e 1980 e acabou por consolidar a teledramaturgia como



principal produto, sendo exportado para o mercado mundial.⁸ A teledramaturgia atingia a todos os seguimentos da população e no começo de sua trajetória tratava de forma leve e sarcástica a modernização de um Brasil ainda um tanto interiorano. Na década seguinte, a competitividade no mercado televisivo com a constante ascensão de outras redes fez com que a programação se tornasse mais eclética, atendendo camadas antes ignoradas pelos agentes publicitários, porém não houve grandes mudanças e o quadro de programação da maior parte das emissoras hoje, conforme explica Souza (2004), se detém à teledramaturgia e aos telejornais.

A Rede Globo, a maior emissora nacional, surgiu em 1965 com o favorecimento dos governos militares. A princípio, a Rede Globo conseguiu além de incentivos financeiros oriundos do cenário governamental, também o patrocínio dos setores bancários e automobilísticos, uma vez que a emissora optou por não se utilizar inicialmente da estratégia do sensacionalismo e da apelação, se dedicando a uma efetiva difusão de sua programação e uso de um padrão “clean” de sua produção, a partir da adoção do *padrão Globo de qualidade*.

O padrão Globo de qualidade remonta desde a criação dessa emissora a partir da parceria do grupo *Time Life*. A troca de experiência e de técnicas entre esses grupos contribuiu para que a Rede Globo optasse pelo reforço nas áreas produtiva e comercial, objetivando atrair patrocinadores inéditos em emissora de TV, como os do ramo automobilístico preocupados em anunciar nos pequenos espaços comerciais, ao lado de outros concorrentes.

O padrão Globo de qualidade, tecnicamente falando, foi desenvolvido ao lado de profissionais de diversos ramos artísticos, como teatro, cinema e literatura, porém uma intervenção governamental realizada na década de 70 foi responsável pelo aprimoramento deste padrão, pois não seria permitida a exibição de programas “popularescos”. Consequentemente, a Globo decidiu implantar uma linguagem transparente sem ruídos e fantasmas, privilegiando a inserção tecnológica e à própria linguagem; a qualidade técnica da programação da emissora passou então a ser reconhecida.

Fechine (2006) explica que, comercialmente falando, a Rede Globo se dedica a três aspectos básicos: técnica de difusão de programação, com boa distribuição do sinal

⁸ Conforme explica Valentim (2007, p.16): “Atualmente exporta para mais de 130 países, sendo que 100 deles exibem anualmente algum título da emissora, os maiores clientes são os países da Europa e Oriente Médio, consumindo 74,2%, seguido por América Latina com 13,5%, América do Norte com 9,5% e Ásia com 2,4%.No catálogo da emissora estão mais de 280 novelas e 60 minisséries”.



e alta definição da imagem; elaboração ética-estética, utilização de bons textos, atores renomados e altos investimentos na área de teledramaturgia; e por último a qualidade mercadológica que se refere à infraestrutura, equipamentos modernos, salários competitivos e busca por altos índices de audiência. A Rede Globo, portanto, se preocupa com a motivação ao telespectador, suas campanhas e pesquisas evidenciam isso, e tal preocupação é refletida na programação que constantemente se renova (ou ao menos se adapta às novas tendências); o seu padrão de produção, conhecido hoje como o Padrão Globo de Qualidade, é referência em todo o nosso território e também no mundo.

Ao longo da história esse padrão teve que se adaptar à nova realidade da televisão brasileira, que lidava com novas emissoras e com um público diferenciado. Tal padrão não foi abandonado, continua forte com a hegemonia da Rede Globo, como grande monopólio da informação no país. Existe um reconhecimento por parte da população e aproveitando este fator, a Rede Globo retribui com altos investimentos em técnica e em estética.

Esta emissora atualmente se encaixa perfeitamente no modelo de uma grande indústria especializada em programas televisivos, o que é plenamente justificável, uma vez que a televisão brasileira se desenvolveu majoritariamente na época da industrialização brasileira. Hoje, a Globo vê uma concorrência com outros canais de televisão aberta, se encontrando também em uma situação na qual grande parte da população adquire canais a cabo ou tem internet com alta velocidade (ambos facilitados pela redução dos preços), porém, mesmo diante desse novo quadro, os índices do IBOPE indicam o alto patamar que a Rede Globo se encontra e as premiações internacionais e nacionais também evidenciam isso.⁹

A importância do Projeto Quadrante

O Projeto Quadrante marca história diante de outras minisséries já exibidas pela Rede Globo. Mesmo diante da sua suspensão, é inegável a contribuição deste conjunto

⁹ Em sua história a Rede Globo possui sete estatuetas do *International Emmy Awards* em três anos seguidos –em 1981 com o programa “A arca de Noé”, em 1982 com a novela “Morte e vida Severina” e em 1982 com personalidade criativa indo para Roberto Marinho. Os últimos prêmios foram conquistados em 2009 com a novela “Caminho das Índias” e em 2012 com “O Astro” e com a série “A mulher invisível”. Na categoria jornal com a matéria “**Guerra às drogas**”, do Jornal Nacional em 2011. Para maiores consultas, visitar: <http://migre.me/fnc8m>



de minisséries no campo ético-estético da televisão brasileira; prova disto foi a noticiada revogação reabrindo a produção da mais nova minissérie: Dois Irmãos.¹⁰

Luiz Fernando Carvalho é um diretor singular dentre os realizadores da Rede Globo. O seu trabalho se faz notar pela sensibilidade na elaboração das tramas, primor estético e construção de narrativas matizadas pela ética e consciência social.

O Projeto Quadrante foi lançado em 2007 com a primeira minissérie “A Pedra do Reino” e tinha como objetivo principal lançar a cada ano até duas minisséries que englobassem um quadrante do Brasil, aproximando as diferenças regionais e apresentando a diversidade da cultura brasileira através da televisão. A proposta do criador e diretor do projeto, Fernando Carvalho, é de traçar um quadro de identidade brasileira a partir dos regionalismos, nossa identidade seria apresentada a partir do particular e dos traços peculiares de cada região. Assim, quatro minisséries foram apontadas para constituir o Projeto: A Pedra do Reino (de Ariano Suassuna, Paraíba), Capitu (originalmente Dom Casmurro de Machado de Assis, Rio de Janeiro), Dois Irmãos (de Milton Hatoum, Amazônia) e Dançar Tango em Porto Alegre (de Sérgio Faraco, Rio Grande do Sul). (CARVALHO, 2006)

Apenas as duas primeiras foram finalizadas e levadas ao ar até este momento, pois em 2009 o Projeto Quadrante, de altos custos e estética aprimorada, foi suspenso. A suspensão do Projeto Quadrante pela Rede Globo poderia ser relacionada às opções estéticas e o relativo baixo índice de audiência diante da exibição naquela faixa de horário, assim suspender o Projeto também se revelou como uma espécie de estratégia de manutenção da própria emissora.

Nesse meio tempo de recuperação, Luiz Fernando Carvalho ficaria ausente, realizando outros trabalhos de teor mais acadêmico, como palestras, e depois voltaria para a casa com um novo trabalho (KOGUT, 2013). “Afim, o que querem as mulheres?” marcou o retorno do diretor à emissora, porém desde 2008 até 2013 não houve nenhum novo lançamento em relação ao Projeto Quadrante. Vale ainda destacar que o Projeto foi reconhecido como um produto de qualidade chegando a ganhar diversos prêmios nacionais e internacionais.¹¹

A importância do Projeto Quadrante para a emissora não se detém apenas na arrecadação de prêmios, mas também é uma maneira da Rede Globo mostrar novas

¹¹ Capitu, por exemplo, fruto de grande qualidade estética foi ganhadora de inúmeros prêmios internacionais em 2009: *Design and Arts Directors*, *Cannes Lions*, Prêmio ABC de Melhor Fotografia. Dados disponíveis em: <http://capitu.globo.com/>



experiências estéticas ao público. Fernando Carvalho é atento aos detalhes, prefere ambientações teatrais, linguagem inovadora, montagem técnica e jogos de câmeras diferenciados. Junto a isso, Carvalho tem em seu Projeto Quadrante um objetivo maior:

Quadrante é um projeto que trago há mais de 20 anos comigo. Trata-se de uma tentativa de um modelo de comunicação ,mas também de educação onde a ética e a estética andam juntas. Estou propondo, através de textos literários, uma pequena reflexão sobre o nosso país (CARVALHO, 2006)

Se não bastasse todo o rigor nos detalhes e no campo estético, Carvalho também se preocupa com a ética, a qualidade da educação, a qualidade de formação da cidadania através das formas e conteúdos transmitidos pela televisão. Para ele, a geração mais nova deve aprender a conhecer o Brasil, resistindo assim à importação dos enlatados estrangeiros que fervilham no cotidiano televisual. Assim, o projeto recusa a banalidade global dominante, e se esforça na construção de um imaginário coletivo vinculado às características que constituem a identidade brasileira¹². Carvalho articula um discurso a partir do qual se podem entender as noções de qualidade existentes:

É uma espécie de caravana que eu estou propondo para que a gente conheça um país – que, no meu modo de ver, é muitas vezes desperdiçado em função de uma visão centralizadora em função do eixo Rio-São Paulo. Como artista, senti essa necessidade de percorrer esses espaços que formam a infinita brasilidade tentando vivenciá-las através de encontros com os talentos locais. Essa é a minha alegria maior neste trabalho: me entregar ao mistério desses tantos encontros (CARVALHO, 2006)

O despertar do público para outras formas de ver o Brasil é propiciado através das adaptações literárias, cujos textos originais foram previamente escolhidos a fim de revelar um amplo país com sentimentos ricos, mas também antagônicos. Trabalhar com literatura é importante devido ao amplo leque de interpretações pluralistas que este gênero proporciona, escapando a visão maniqueísta que divide o mundo entre o bem e o mal. Outro ponto importante ao se trabalhar com adaptações é a capacidade que uma obra tem de revelar a realidade do lugar em que está inserida, isto é claramente percebido através da leitura das obras de Machado de Assis¹³: “Machado carrega as heranças de si mesmo e de outros autores. Como toda a literatura, digamos, toda a cultura está dentro da obra de Machado” (BERNARDO, 2008, p.41) e também “Machado talvez tenha sido o primeiro escritor brasileiro a produzir histórias tomando a

¹² Porém, global para Carvalho não é somente o externo ao nosso país, mas sim o eixo Rio-São Paulo que centraliza a identidade brasileira, suprimindo outras expressões culturais do que também é Brasil.

¹³ Excluir Machado de Assis só porque ele seria um representante do eixo Rio-São Paulo nunca passou pela cabeça do diretor, a importância desse escritor é inegável (e memorável), maior representante da literatura brasileira, fundador da Academia Brasileira de Letras, estudado até hoje e dono de um pensamento original e avançado para sua situação social na época (CARVALHO, 2008).



cidade como ponto de vista (...) Com seus enredos, ele mostra o Rio e sua gente, reflete uma época inteira em seus personagens” (RODRIGUES, 2008, p.15).

Um último ponto a destacar sobre o Quadrante é a opção em gravar cada minissérie no local de origem da obra. Por exemplo, “A Pedra do Reino” foi filmada na Paraíba, e Capitu foi gravada no Rio de Janeiro. Ambas utilizaram alguns atores e artesãos das comunidades locais e locações presentes nas cidade-cenário, o que demonstra a disposição para apoiar novos talentos e, de certa forma, generosidade e a sagacidade na utilização de trabalhadores locais.

Considerações Finais

Este artigo propos analisar as características da televisão brasileira, para tal tomamos como objeto de estudo o Projeto Quadrante, de direção de Fernando Carvalho e exibido pela Rede Globo entre 2007 e 2008. Porém, outras obras também poderiam ser analisadas por seu teor de qualidade e premiações, como as novelas “das onze” de Mauro Mendonça Filho (“O Astro” lançada em 2011) e de Denise Saraceni (Saramandaia lançada em 2013) e os especiais de fim ano e outras minisséries e seriados, como “Doce de mãe”, de Guell Arraes.

Este trabalho, em diálogo com diversos autores, considera a importância que a televisão tem para o povo brasileiro. Bacega (2000), por exemplo, observa que é esta mídia que une o país, ao mesmo tempo que também acaba por constrói o espaço público. Sendo um meio de diversão como também uma fonte de educação e por isso pensar se a programação televisiva está contribuindo para o desenvolvimento do povo brasileiro é importante.

A Rede Globo por ser o maior expoente da televisão nacional atualmente tem o papel também de mostrar programas que se preocupam com questões de qualidade, nos âmbitos ético, estéticos e também técnicos, uma vez que a televisão é um espelho e uma inspiração para a população que se entende unida através dela. Percebeu-se que a Rede Globo se dedica a produtos que gerem alto retorno financeiro, mas essa emissora também separa um espaço de sua grade para produções mais onerosas e mais artísticas que, por mais que chegue a não conseguir altos índices de audiência, mas garantem prestígio e prêmios internacionais.



O Projeto Quadrante possui ideais pensados pelo próprio Fernando Carvalho em relação à construção de uma identidade brasileira que inclua todas as regiões do nosso país, mas sem desconsiderar o cuidado aos aspectos técnicos e estéticos imanentes à própria televisão.

É inevitável a presença de programas sensacionalísticos na nossa televisão, tanto de exibição nacional como local, também é inevitável que a televisão, enquanto empresa, encontra a necessidade de se dedicar a produções com rápido retorno financeiro. Porém, a televisão possui um alto poder, uma capacidade, para exibir conteúdos que reflitam sobre o dia-a-dia, o conhecimento e a diversão causando impacto e catarse coletiva. Pensar televisão e qualidade e atestar que ambas caminham juntas e são interdependentes é necessário para o desenvolvimento do telespectador, das análises críticas de televisão e para os próprios produtores de conteúdo.

Prefiro continuar acreditando nessa espécie de contradição entre o eletrodoméstico e a cultura, o emissor e o avanço de seus conteúdos necessários. Melhor dizendo: educação pelos sentidos. Essa é a televisão que eu espero ver no futuro. De minha parte, ou sigo por este caminho ou, sinceramente, nada faz sentido (CARVALHO, 2006)

Resumimos e finalizamos esse trabalho através da fala deste diretor que se dedica a um árduo trabalho que resulta na demonstração da enorme importância da televisão em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/Educação: aproximações. In: BUCCI, E. **A TV aos 50: Criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2000.

BERNARDO, Gustavo. Uma referência intelectual com uma obra revolucionária. In: _____. **Capitu. Minissérie de Luiz Fernando Carvalho a partir da obra Dom Casmurro, de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

BRITO, João Batista. **Imagens Amadas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1995

CARVALHO, Luiz Fernando. Diálogo com o diretor. In: _____. **Capitu. Minissérie de Luiz Fernando Carvalho a partir da obra Dom Casmurro, de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

CARVALHO, Luiz Fernando. **Fragments retirados do caderno de anotações do diretor Luiz Fernando de Carvalho**, entre os meses de Junho e Dezembro de 2006. Taperoá – Sertão da Paraíba. Disponível em: < <http://quadrante.globo.com/>> Acessado em 01 mai. 2013



DUARTE, E. B. **Preâmbulo**. In: DUARTE, E; CASTRO, M. **Comunicação Audiovisual: Gêneros e Formatos**. Porto Alegre: Sulina 2007.

FECHINE, Yvana. **Núcleo Guell Arraes: uma proposta de qualidade na televisão brasileira** In: BORGES, G; BATISTA, V. **Discursos e Práticas de Qualidade na Televisão**. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

JOST, François. **Seis lições sobre televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

HAMBURGUER, Ester. **TV brasileira hoje**. REVISTA USP, São Paulo, n.61. [2004]. Disponível em: < <http://migre.me/fnfOE> >. Acessado em: 08 abr. 2013.

KOGUT, Patrícia. **Dois irmãos, série de Luis Fernando Carvalho terá oito episódios**. Disponível em: <<http://kogut.oglobo.globo.com/noticias-da-tv/coluna/noticia/2013/11/dois-irmaos-serie-de-luiz-fernando-carvalho-tera-oito-episodios.html>>. Acessado em: 08 abr. 2013.

MACHADO, A. **A arte do vídeo**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MACHADO, A. **A televisão levada a sério**. São Paulo: SENAC, 2005.

RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. Machado de Assis é moderno por excelência. In: _____. **Capitu. Minissérie de Luiz Fernando Carvalho a partir da obra Dom Casmurro, de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

SOUZA, José Carlos. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.